



JUVENTUDE
MUSICAL
PORTUGUESA

IV SÉRIE
VOLUME IV
Trimestral
750\$00

Arte Musical

Nº 14

Janeiro | Abril 1999



IV SÉRIE
VOLUME IV



N.º 14

Janeiro | Março 1999

REVISTA DE
**ENSAÍSMO,
NOTICIÁRIO
E
CRÍTICA**

Propriedade da
**JUVENTUDE
MUSICAL
PORTUGUESA**

Directora:
Helena Rodrigues
Directora Adjunta:
Sara Monteiro
Redactor Principal:
José João Leiria

Na capa:
Emmanuel Nunes
(Fotografia gentilmente cedida pelo Serviço de Música
da Fundação Calouste Gulbenkian)



**JUVENTUDE
MUSICAL
PORTUGUESA**

ARTE MUSICAL

Ficha Técnica

Publicação Trimestral
N.º 14 * Janeiro/Março de 1999
Preço deste número: 750\$00
Assinatura anual: 2500\$00

Directora: Helena Rodrigues
Directora Adjunta: Sara Monteiro
Redactor Principal: José João Leiria

Colaboraram neste número:
Alain Bioteau, Anabela Bravo Simões, António Gonzalez, Cláudia Viseu, Cristina Fernandes,
João Soeiro de Carvalho, José Mesquita Lopes, Manuel Carlos de Brito,
Margarida Fonseca Santos, Pedro Figueiredo, Teresa Cascudo, Tomás Henriques,
Sérgio Azevedo, Sidónio de Freitas Branco Paes, Virgílio Melo

Assistente de produção: João Borges de Azevedo

Ilustrações: H. Mourato

Design: B2, Atelier de Design: Salette e José Brandão

Paginação: Susana Brito

Revisão: Catarina Latino

Secretária: Clarisse Santos

Propriedade da Juventude Musical Portuguesa
Redacção e Administração: Rua Rosa Araújo, 6, 3.º
* 1250-195 Lisboa * Tel. (01) 357 31 31 * Fax. (01) 354 33 30
E-mail: juv@mail.telepac.pt

Pré-impressão e Impressão: Textype – Artes Gráficas, Lda.
Estrada de Benfica – 212-A – 1500-094 Lisboa

Tiragem: 3000 exemplares
Depósito Legal N.º 92 421/96 SGMJ / NEROCS 100 592
JMP 200 591

Correio Editorial

SUMÁRIO

EDITORIAL	4
EMMANUEL NUNES , Compositor por Vontade ou por "Acaso" por Pedro Figueiredo	6
EMMANUEL NUNES – CONSTRUTOR DO TEMPO por Alain Bioteau	30
JOLY BRAGA SANTOS – TEMA E VARIAÇÕES por Anabela Bravo Simões	36
O MISTÉRIO DA FILARMONIA TESTEMUNHOS PARA UM "PROCESSO-CRIME" PÓSTUMO (EPÍLOGO) por Sidónio de Freitas Branco Paes	45
HISTÓRIAS DA MÚSICA	101
INTERPRETAÇÕES	103
MÚSICOS JOVENS	109
ACONTECIMENTOS MUSICAIS	111
CRÍTICA	119
NOTICIÁRIO	130
CORREIO MUSICAL	134
AGENDA MUSICAL	135

“ **H**oje lembrei-me de ti, lá na loja, quando imprimimos quinhentos cartazes com uma gravura de um tipo que pinta flores brancas, completamente brancas, sobre um fundo branco.”

in Art de Yasmina Reza

Convido os leitores da *Arte Musical* a conhecerem a pintura de Antrius: quadros brancos, completamente brancos, com riscas brancas em diagonal, às vezes com flores brancas estendidas na diagonal, outras vezes na vertical.

A sua Música é igualmente fascinante, mas sem moldura. Alguns críticos – por sinal os mesmos que acreditaram num lançamento, promovido por David Bowie, de um livro sobre Antrius (?), e que publicamente analisaram as diversas fases da sua obra; por sinal os mesmos que beberam o “artigo-ah!ah!ah!” de Alan Sokal publicado na *Social Text* – falam de infinitude na Música de Antrius. Outros, justamente pelas mesmas razões, falam de limitação. Estranho que perante o mesmo tipo de linguagem musical, perante razões de ordem estética semelhante, diferentes ouvintes se coloquem estrategicamente em diferentes territórios da apreciação musical. Ou melhor, não estranho, pois muitas vezes os conflitos estéticos são hábeis escapadelas e artifícios de gestão de outro mal-estar. Excelentes sublimações da intrínseca conflitualidade e desconforto da tribo humana a que, tal como com os bichos e animais, não estarão alheios instintos básicos de delimitação de territórios e hierarquização do Reino. Nas suas estratégias de regulação de poder, a taxonomia social lá vai metaforizando correntes estéticas, transfigurando-se em ciclos históricos nos quais, por vezes, é admitido o disfarce do debate. Adiando o incómodo “cáda-ver adiado”. Cumprindo a função de não expor a humilhante afronta das limitações da condição humana. Brrr... arrogante estado de não-resignação a que os bichos respondem mais sabiamente sem esforços diplomáticos na delimitação territorial.

As criatividades, as estéticas, as reflexões salvam-nos da pulsão latente: demasiado vulcânica, sangrenta, dilacerante. Porque o gosto estético tem a mesma bênção da imparcialidade de Deus, de que nos fala Mário Quintana: “Só Ele é que pode, por exemplo, abençoar, ao mesmo tempo, as bandeiras de dois exércitos inimigos que vão entrar em luta...”

O leitor não conhece a Música de Antrius?! Ah! Tem uma vaga ideia, já ouviu, mas não consegue associar o nome à pessoa. O quê?! Não conhece as gravações do Antrius?! Do Antrius, Senhor! O da gravata cor-de-rosa! De resto, a culpa não é sua: Antrius só é convidado para as iniciativas em que há sempre um Antrius. E não são poucas.

Antrius escreve, fala, cita, explica-se, derrama-se em palavras. Em todas as suas obras dá a conhecer a “*lingerie* composicional” (Antrius, 1998) subjacente. Confesso o fetiche, o tique deste comportamento desviante: adoro conhecer a *lingerie* da composição, penetrar nos subúrbios do pensamento musical. Mas outro dia cerrei os ouvidos, escondi os olhos: Antrius já não cuida da *lingerie*, já não cobre as vergonhas. Assusto-me, Antrius está em extinção! Mas acalmam-me e dizem-me que, enquanto as crianças não forem a concertos, Antrius pode circular livremente, pois não corre perigo de se denunciar desnudado aos ouvidos de necrófilos consumidores de fotos, entrevistas e *lingerie*.

Nos últimos Encontros de Música Contemporânea, Kagel explicou assim a sua tipologia: há os compositores que compõem para o público, os que compõem para o público e para si mesmos e os que compõem apenas para si próprios. Esqueceu-se, pois, de mencionar o caso dos que não escrevem nem para si nem para o público mas que, por razões sociológicas, conseguem ter público. Público conhecedor: do nome, da foto e da cor da gravata.

Antrius passou a ser conhecido depois que promoveu uma homenagem ao compositor desconhecido. Desde então, desloca-se como se tivesse uma longa capa pelas costas, enviado aéreo da metafísica da estética cheia da razão certa, a aspergir estrelinhas por onde passa.

Antrius é canibal. Antrius é uma espécie de anjo-da-guarda especializado em adiamento de defuntos. Um dia apanhei-o a pensar mal dos colegas. Noutro dia, a pensar bem. Discutiam. A decidir destinos. Ruminantes, cheios de si, a traçar vidas. Vociferavam. Foi nomeado, promovido a promover o bom gosto estético, a iluminação esclarecida da Arte revelada. Seduziam. Observei-o, e a todos os outros antros, e vi como, no fundo, se sentiam miseráveis. Foi então que me lembrei da peça de Yasmina Reza e citei: “*Francamente, meus senhores: chegar a este extremo... um cataclismo, por causa dum Som branco!*” Depois, vesti a capa e saí eu de rompante, a aspergir estrelinhas por onde me deixassem passar.

Estranha o leitor que, neste número da *Arte Musical*, dedicado ao Criador que é Emmanuel Nunes, por quem nutro grande admiração, o incomode com os meus problemas existenciais à volta da Música de Antrius? Pois saiba que estou seriamente afetada pela alucinação mística que me persegue: Antrius está em toda a parte e não cuida de nós.

Por isso, garanto que qualquer dia perco a paciência. Vestirei a capa, a tal das estrelinhas. Apontarei então o dedo e, com chave luciferiana, abrirei o caldeirão, proferindo finalmente o vitupério máximo que conheço e trago reprimido, amarfanhado por entredentes de raiva e contenção: “Vão todos pró pós-modernismo!” ●

HELENA RODRIGUES